

## A clarevidência de Alfredo Pimenta

Testemunha de uma geração, a que pertenço, posso afirmar, sem perigo de desmentido, que Alfredo Pimenta, sem o menor gesto ditatorial, dominou, pela firmeza das suas convicções, uma juventude ávida de bem servir.

Nos momentos de profunda ansiedade, nas horas dramáticas de um mundo em decomposição, os sobreviventes dessa gente moça buscam ainda nas suas páginas — escritas num português claro, escorreito e límpido —, no exemplo da sua conduta, na lição proporcionada pela sua honestidade intelectual e na coragem intransigente com que defendeu altos ideais, uma perene fonte de alento, um reservatório de fé.

Para infelicidade nossa desapareceu há muito o seu nodoso varapau camiliano, destruidor de mitos tenebrosos, contundente cacete na lombeira de imbecis, instrumento de justiça na república das letras, ora iletrada e pacóvia.

Todos sabemos que estas bordoadas, bem assentes em bestuntos de pouca mioleira, constituíram irrepreensíveis ensaios pedagógicos, elaborados por quem gastou a existência no estudo sério, no compulsar demorado do documento autêntico. Todos compreendemos os gestos insofridos e aplaudimos a saudável e acérrima defesa da verdade incontestada, abocanhada por peralvilhos sem talento.

Quem, no Ensino Secundário, fez a aprendizagem da História de Portugal através do seu magnífico livro, ininterrupto cântico às sublimes atitudes dos construtores duma Pátria, e vê, angustiadamente, filhos e netos mergulhar em burundangas onde as heroicidades são postas em dúvida, senão mesmo ironizadas, não deixará de sentir uma dolorosa angústia.

Os actuais mixordeiros das ideias, chafurdadores da putrefacção, nunca poderiam conviver com tal Mestre, tais discípulos, tais simples leitores, como eu.

Diante da atitude estranha da Direita, ou de uma certa Direita, ou de uma pseudo-Direita, que cruzou os braços com criminosa indiferença, corrompedores conventículos, viscosos e cabalísticos, e alfurjas de baixo estofo, mental e moral, de uma forma surda, lenta e insidiosa, patenteando a incapacidade de combater à luz da clara madru-

gada, travaram a impetuosidade desta mocidade generosa, envolvendo-a numa teia permanente e desnorteante, incitando-a a aceitar os baixos instintos, procurando mantê-la amorfa e passiva perante a droga, a prostituição e o homossexualismo, conduzindo-a até a fazer gala das suas perversões e a esconder as qualidades que lhe restam.

Aos dirigentes da Mocidade Portuguesa há que imputar o imperdoável pecado de a terem abandonado às intempéries ideológicas. Actuando, de princípio, com certa felicidade, no sector desportivo, formando olímpicos velejadores, excelentes campistas, ótimos atletas, famosos esgrimistas, ela agiu com a maior timidez no campo da informação política. Foi comumente aceite que esta actividade apenas devia caber aos técnicos e quem não o fosse corria o risco de se emporcalhar, de se aviltar em negociações mesquinhas, de perder a pureza dos seus actos enobrecidos no campo do olimpismo, onde o vencedor, terminada a prova, corre a abraçar e a confraternizar com o antagonista. O exemplo da I República, nefasto sob todos os prismas, aflorado de quando em quando, pareceu ser o antídoto suficiente e eficaz para evitar a queda nesta infernal sujidade da baixa politiquice. Cedo se provou que ele não era suficiente. A atracção do abismo sempre caracterizou o homem.

Outros se aproveitariam da boa-fé dos que «nasceram» para a compreensão dos factos durante a Guerra Civil de Espanha, época de exaltação da civilização ocidental, de desmascaramento do maçonismo e das inúmeras conseqüências advindas da frequência das lojas: o internacionalismo, o marxismo, o leninismo. Imbuída de sentimentos puros, imune a qualquer cepticismo, a juventude dos meados da terceira década foi extremamente nobre. Dir-se-ia que nada e ninguém derrubaria as suas lípidas convicções, assentes em supremos valores éticos. Mas, pouco tempo depois, abrindo as portas a Leste, o conflito mundial, trazendo consigo uma poderosa carga emocional e narcotizando por via de campanhas maciças, com a sua químera medíocre de nivelar tudo, levou alguns a não resistir a cantos de sereia, ao gorjear de paraísos terrenos. Quando, por imperativo do voto, se fez uma chamada às urnas, assistiu-se ao mais deplorável espectáculo de ordem moral, cívica e política. Houve quem assinasse listas que procuravam impor nomes garantidores do regresso à balbúrdia sanguinolenta. Anos depois, o caso Delgado acentuou um ambiente crapuloso e escancarou as portas a um cataclismo previsível.

Com a clarividência que só contempla os justos e os eruditos, Alfredo Pimenta, utilizando apenas como azorrague ou fazendo dela um instrumento de ensino, com a força da sua enorme sabedoria,

nunca deixou de apontar perigos, de examinar situações, de tentar evitar erros. Prudente, mas sem pessimismo, por vezes num tom iracundo, a traduzir a sua humana revolta, não se estarreceu diante de aparências falsas. Antevendo o aparecimento de certos pássaros conirrostros, que pululam hoje em volta do Poder, Pimenta acusou duramente os que teimaram em não vislumbrar que na Península Ibérica, primeiro, e depois na Europa, se estava a jogar o destino dos povos civilizados.

Frente à barbárie, muitos dos que tinham a obrigação de ter os olhos bem abertos não viam os templos em chamas, os sacerdotes encarcerados e fuzilados, a Passionária a trocar do Sacramento do matrimónio, qual cadela em cio permanente a gabar-se, para uma plateia de alvares, que cada um dos seus filhos fora gerado com pai diferente. Para os que então desertaram, alguns deles propagadores profissionais, bobos, ainda hoje palhaços trôpegos e caquéticos, para os que, a algibebe de rua escusa, venderam a farda da Legião, para esses a voz de Alfredo Pimenta, incomodativa e impertinente, constituía um perigo a abafar. Para nós, que lhe tomamos o sabor, ela ecoa ainda no nosso coração, bem viva e vibrante — e toda a homenagem nos parece insuficiente para o muito que intelectualmente lhe devemos.

*Navarro de Andrade*